

O DESAFIO DE CONVIVER COM AS DIFERENÇAS

Analice Wiggers BARBI

Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da UNISUL

E-mail: analiceanabbarbi@live.com

Camila de Bem ORIGE

Graduanda do Curso de Pedagogia da UNISUL

E-mail: camila_tuba@hotmail.com

Kátia Regina Constantino CORRÊA

Especialização em Metodologia e Prática Interdisciplinar do Ensino

Supervisora do Programa Institucional de Iniciação

à Docência – PIBID – UNISUL

E-mail: katiaregina.correa@hotmail.com

Luana Medeiros BONETTI

Professora do Curso de Pedagogia da UNISUL

Coordenadora de Área do programa PIBID – UNISUL

E-mail: bonetti.luana@unisul.br

Rosandra Schlickmann Sachetti HÜBBE

Professora do Curso de Pedagogia da UNISUL

Coordenadora de Área do programa PIBID – UNISUL

E-mail: rosandra.hubb@unisul.br

Sandra Pereira DOMINGUES

Professora do Curso de Pedagogia da UNISUL

Coordenadora de Área do programa PIBID – UNISUL

E-mail: pereira.domingues@unisul.br

Resumo

As práticas de violência e preconceito podem desencadear dificuldades de aprendizagem e traumas ao longo da vida e se apresentam como um grande desafio para a comunidade escolar. Assim, é necessário sensibilizar os envolvidos quanto à importância da solidariedade e da singularidade, com ações educativas que promovam o respeito ao "diferente" e ajudem na formação de cidadãos conscientes. A partir disso, as acadêmicas bolsistas de Iniciação à Docência do Programa PIBID – IDs de Biologia e Pedagogia – da E.E.B. Professora Célia Coelho Cruz, desenvolveram o projeto "O desafio de conviver com as diferenças". As IDs realizaram, no Ensino Fundamental, atividades de contação de histórias, roda de conversas, exibição de vídeos, confecção de cartazes e gincana cultural. Esse projeto teve como objetivos: melhorar e conservar as relações de convivência dentro e fora do ambiente escolar; estimular debates em torno das práticas e consequências do bullying; desenvolver a percepção de que vivemos em uma sociedade plural constituída por indivíduos singulares. O projeto trouxe resultados significativos, principalmente durante a realização das tarefas da gincana, em que os discentes exercitaram uma

série de habilidades, como aprender a avaliar e decidir, além da capacidade de ouvir e respeitar opiniões diversas. Para que tivessem êxito no resultado final, souberam argumentar e dividir tarefas, competências essenciais para a vida adulta. Percebemos também que as acadêmicas, bolsistas Ids passaram a ter mais confiança em si mesmas e adquiriram mais autocontrole para lidar com situações inesperadas. Além disso, ao vivenciarem todas as etapas do projeto, tiveram a oportunidade de perceber os comportamentos dos alunos e de avaliar a aprendizagem, o domínio e a ampliação de conhecimentos relacionados à dinâmica em grupo. Concluímos que, ao executarmos as atividades propostas, conseguimos, não somente contemplar os objetivos pré-estabelecidos, mas também, beneficiar toda a comunidade escolar.

Palavras-chave: Educação; Convivência; Ações diversificadas.

Abstract

Violence and prejudice practices can trigger learning disabilities and trauma throughout their lives and they present as a major challenge to the school community. Thus, it is necessary to sensitize stakeholders about the importance of solidarity and uniqueness, with educational activities that promote respect for the "different" and help in the formation of conscious citizens. From this, the academics of PIBID Teaching Programme - Biology and Pedagogy IDS – EEB Professora Celia Coelho Cruz, developed the project "The challenge of living with differences". The academics held, in the elementary school, storytelling activities, wheel conversations, viewing videos, making posters and cultural contest. This project aimed to: improve and maintain the coexistence of relationships inside and outside the school environment; stimulate discussions on the practices and consequences of bullying; develop awareness that we live in a pluralistic society comprised of unique individuals. The project brought significant results, especially in carrying out the tasks contest, in which students exercised a range of skills such as learning to assess and decide, and the ability to listen to and respect different opinions. So that they succeeded in the final result, they were able to argue and divide tasks, essential skills for adulthood. We also realize that academic fellows now have more confidence in themselves and gained more self-control to deal with unexpected situations. In addition, when they experience every step of the project, they had the opportunity to understand the behavior of students and assess learning, mastery and the expansion of knowledge related to the dynamic in group. We conclude that to execute the proposed activities, we not only contemplate the pre-established goals, but also benefit the entire school community.

Keywords: Education; Living; Diversified actions.

Introdução

Vivemos numa sociedade que valoriza, essencialmente, o consumo, as coisas materiais e a aparência, prejudicando a valorização da essência humana. Há, muitas vezes, um desvirtuamento do significado de ser gente, ser sujeito, ser pessoa. Valores como solidariedade, humildade, companheirismo, respeito, tolerância são pouco estimulados nas práticas de convivência social. A ausência dessas práticas em determinados momentos dá lugar ao individualismo, à lei do mais forte, à necessidade de se levar vantagem em tudo.

O preconceito, a violência e a intolerância estão estampados em todos os lugares do nosso país e se apresentam de diferentes formas.

Aprender a viver em um ambiente de diversidade é um dos principais desafios do mundo contemporâneo e, portanto, da Educação. Ao longo da vida escolar, os alunos se deparam com todo tipo de diferenças: de gênero, de raça, de valores, de religião, de expressão de sexualidade, de ritmos de aprendizagem, de configurações familiares, entre outros. Dependendo da concepção que a escola venha a assumir, esta poderá ser local de violação de direitos ou de respeito e de busca pela materialização dos direitos de todos os cidadãos, ou seja, de construção da cidadania.

Nesse sentido, Castro (2010) afirma que conviver com as diferenças é um desafiante para todo ser humano, pois, conforme o autor, para se criar, crescer e aprender, o indivíduo precisa do ensinamento de outra pessoa sobre as práticas da vida. Como ninguém vive isolado, a convivência se faz necessária, e saber conviver implica respeitar as diferenças.

O respeito à diversidade como valor requer atitudes reflexivas que levem da contemplação à ação cotidiana. Assumir medidas afirmativas, ou seja, medidas especiais e temporárias que têm por objetivo eliminar desigualdades historicamente acumuladas, garantindo a igualdade de oportunidades e tratamento, bem como compensar perdas provocadas pela discriminação e marginalização por motivos raciais, étnicos, religiosos, de gênero e outros pode contribuir para, por meio da convivência, dirimir os efeitos da segregação.

Diversidade e inclusão

Ao discutir o tema da diversidade, preconceito e inclusão na obra: “Diferenças e Preconceito na Escola – Alternativas Teóricas e Práticas”, Amaral (1998), em seu artigo intitulado “Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e superação”, questiona se ser obeso, ser magricela, ser muito alto, ser muito baixo, ser negro, usar óculos, ser surdo, ser cego, ser parapléptico caracterizam diferenças físicas.

A autora indaga, na sequência, se as dificuldades encontradas por essas crianças, que possuem tais diferenças, em seu convívio escolar, têm algum denominador comum.

Amaral nos faz recordar e refletir a partir dos costumeiros apelidos que estão na boca das crianças no cotidiano das relações sociais, especialmente na escola: “rolha de poço” para os gordinhos, “azeitona no palito” para os magrinhos, “pau-de-sebo” para os muito altos, “nanico” para os muito baixinhos, “crioulo doido” para os negros, “quatro olhos” ou “cegueta” para os que têm que usar óculos, e tantos outros. A resposta afirmativa, para o questionamento acima, parece ter relação com “a presença de preconceitos e a decorrente discriminação vivida, ainda com mais intensidade, pelos significativamente diferentes, impedindo-os, muitas vezes, de vivenciar plenamente sua própria infância” (AMARAL E AQUINO, 1998, p. 12).

O fato de a discriminação e o preconceito impedirem muitas crianças e jovens de terem uma vida social saudável nos seus contextos já é motivo de sobra para “aquecermos” essa discussão dentro das nossas escolas. Sem contarmos as consequências que tudo isso gera: desejo de abandonar o ambiente escolar, dificuldades para aprender, elevação da baixa autoestima, entre outros que acompanharão os indivíduos a vida toda.

Discutir e agir em torno dessa temática no ambiente escolar com as diversas faixas etárias se faz muito necessário e urgente, pois, se queremos jovens saudáveis e felizes, precisamos enfrentar o problema.

Há muito tempo que temas voltados à discriminação e ao preconceito deixaram de ser tabus dentro das nossas instituições de ensino. Atualmente, a luta é por fortalecer

cada vez mais a ideia da igualdade de direitos e oportunidades dentro da nossa sociedade.

Todos nós sabemos que a sociedade impõe certos padrões e, com isso, estabelece como diferente quem foge a esses estereótipos. No entanto, é necessário refletir um pouco sobre o que é a diferença ou o diferente, questionando: Com base em que critérios criamos o parâmetro?

Segundo Amaral e Aquino (1998), quando falamos simplesmente de “diferenças” às vezes estamos nos referindo a características ou opções que, embora sinalizem dessemelhanças, não criam climas muito conflitivos, por exemplo: cor dos cabelos, preferências por determinadas cores, determinadas vestimentas. O problema bem maior e que gera desconforto é quando nos contextos das relações humanas se estabelecem características que sinalizam para o “significativamente diferente”.

A autora defende que são utilizados parâmetros dentro de determinados critérios para definir o que é anomalia, desvio, anormalidade. Em nosso contexto social está estabelecido um “tipo ideal” construído e sedimentado pelo grupo dominante. Todos nós, de alguma forma, seja ela consciente ou inconsciente, perseguimos a aproximação ou a semelhança com essa idealização, uma vez que o afastamento dela poderá caracterizar a diferença significativa, a anormalidade ou o desvio. Mesmo com esforço para nos aproximarmos desse ideal, sabemos que muitos de nós não atingimos ou correspondemos a esse protótipo, no entanto o utilizamos em nossas relações diárias para avaliar o outro. E é assim que surge o preconceito, os estereótipos, os estigmas.

Na mesma obra, em um estudo de Rego (1998, p. 49), a autora afirma que “é praticamente impossível negar as diferenças individuais entre os sujeitos de uma determinada cultura, assim como a variabilidade dos indivíduos de diferentes grupos culturais”.

No entanto, em uma pesquisa realizada pela mesma autora, esta apresenta como resultado que a maioria dos educadores tem dificuldade de compreender essas diferenças devido à grande confusão teórica a que estão expostos durante a sua formação. Essa é uma grande preocupação, pois se os educadores apresentam-se tão confusos para compreender as diferenças individuais, como irão elaborar suas práticas

de forma que estas atendam a toda essa diversidade, sem preconceito, rótulos ou estigmas?

Um dos caminhos que podemos apontar é o estudo aprofundado sobre estas questões, bem como discussões acerca do tema. É preciso dar destaque, no momento atual, ao tema, reconhecendo sua relevância e o quão é significativo dentro das universidades, nas escolas e nos cursos de educação continuada.

A escola e a formação ética e moral do ser humano

Atualmente a sociedade convive com um grande conflito de valores. A valorização do ter sobrepondo o ser, a violência, a vida agitada e a padronização efetivada por meio do consumo exacerbado na vida moderna têm ocasionado um senso de naturalidade frente às ações que estão denegrindo de alguma forma o valor humano.

Sabemos que a escola, como parte integrante desta sociedade, possui uma grande responsabilidade na participação da formação ética e moral do ser humano. Muito além do conhecimento científico, a escola deve educar para o desenvolvimento do ser humano com ele mesmo, com o outro e com o meio ambiente. O conceito que orienta esta forma de ensinar é o de que não basta ser inteligente; é necessário ser inteligente e sensível, pois os sentimentos – como o de gratidão, de afeto, de amizade, de generosidade, simpatia e respeito, entre outros – são fatores equilibrantes da conduta e facilitadores de uma convivência saudável e de entendimento mútuo.

Segundo o pensador e humanista Pecotche (2002), estabelecer o cultivo dos sentimentos na infância e na adolescência é um investimento na felicidade, na paz, em vidas equilibradas, porque os sentimentos equilibram a vida psíquica; infundem traços de humanidade às atitudes dos homens; sustentam os propósitos e as palavras de honra que muitas vezes a mente esquece; criam laços existenciais propícios à convivência entre seres com diferentes modalidades psicológicas.

As ações docentes acompanhadas dos sentimentos propiciam o vínculo sensível entre docente e discente, e também são poderosos estímulos que podem mover o educando a se empenhar no cultivo dos grandes sentimentos.

Criados laços sensíveis entre pais e filhos, entre alunos e professores, e também entre os colegas, passam estes a ocupar um lugar especial no coração, na consciência e na vida de cada um, multiplicando os afetos, atraindo mais e mais amigos.

Assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais propostos pelo Ministério da Educação de Cultura do Brasil – MEC – enfatizam, por meio de temas transversais, o ensino e a aprendizagem de valores e atitudes. Desta forma,

uma tomada de posição implica necessariamente eleger valores, aceitar ou questionar normas, adotar uma ou outra atitude - e essas capacidades podem ser desenvolvidas por meio da aprendizagem. [...] É necessário compreender que atitudes, normas e valores comportam uma dimensão social e uma dimensão pessoal. Referem-se a princípios assumidos pessoalmente por cada um a partir dos vários sistemas que circulam a sociedade. (BRASIL, 1997. p. 43).

Incluir o ensino de valores e o desenvolvimento de atitudes no trabalho escolar não significa tomar como alvo, como instrumento da ação pedagógica, o controle do comportamento dos alunos, mas intervir de forma permanente e sistemática no desenvolvimento de atitudes.

De acordo com Zabala (1998), a compreensão e a elaboração dos conceitos associadas ao valor, somadas à reflexão e tomadas de posição, estão configuradas por componentes cognitivos (conhecimentos), afetivos (sentimentos) e condutas (ações).

A aprendizagem dos conteúdos atitudinais supõe um conhecimento e uma reflexão sobre os possíveis modelos; uma análise e uma avaliação das normas; uma apropriação e elaboração do conteúdo, que implica análise dos fatores positivos ou negativos; uma tomada de posição; um envolvimento afetivo e uma revisão e avaliação da própria atuação.

O termo conteúdo atitudinal engloba uma série de conteúdos que, por sua vez, podem ser compreendidos como valores, atitudes e normas.

Os valores são princípios que permitem às pessoas emitir um juízo sobre as condutas e seu sentido. O preconceito é contrário a um valor fundamental: o da dignidade humana. Segundo esse valor, toda e qualquer pessoa é digna e merecedora de respeito. As atitudes estão relacionadas à forma como cada pessoa realiza sua conduta de acordo com os valores determinados. E quanto às normas, podemos compreendê-las

como padrões ou regras de comportamento que devemos seguir em determinadas situações perante todos os membros de um grupo social.

A aprendizagem dos conteúdos atitudinais implica uma análise e uma avaliação das normas, dos fatores positivos ou negativos. E, posteriormente, uma tomada de posição/decisão e uma revisão e avaliação da própria atuação.

O escritor uruguaio Galeano relata que um morador do interior do país levou o seu filho para ver o mar. No alto do morro, segurando a mão do pai, o garotinho lhe pediu: “pai, me ajuda o olhar”.

É função da escola criar possibilidades para que a criança e o jovem tenham um outro modo de olhar, um olhar mais sensível, capaz de ressignificar as coisas no mundo, para que as vivências possam ter mais sentido. Por isso, é preciso que o educador promova uma relação mais consciente da criança e do jovem com o meio, formando seres mais críticos e criativos, que suscitem outros modos de perceber e sentir.

Dessa forma, evidenciamos a responsabilidade dos educadores refletirem com a criança e com o adolescente a importância do cultivo diário de valores. É preciso destacar que os educadores, pais e professores, devem ter uma conduta que seja exemplo para crianças e adolescentes. Nesse sentido, Pecotche (2002, p. 260) afirma que “A arte de ensinar consiste em começar ensinando primeiro a si mesmo.” Segundo os PCNs (1997):

A escola deve ser um lugar onde cada aluno encontre a possibilidade de se instrumentalizar para a realização de seus projetos; por isso, a qualidade do ensino é condição necessária à formação moral de seus alunos. Se não promove um ensino de boa qualidade, a escola condena seus alunos a sérias dificuldades futuras na vida e, decorrentemente, a que vejam seus projetos de vida frustrados. (BRASIL, 1997, p. 55).

Nesse sentido, os PCNs, estimulando o estudo dos temas transversais, apontam duas consequências centrais para a educação:

- A escola deve ser um lugar onde os valores morais são pensados, refletidos, e não meramente impostos ou frutos do hábito.
- A escola deve ser o lugar onde os alunos desenvolvam a arte do diálogo.

Se uma das primeiras normas na escola é o respeito, torna-se fundamental formar um indivíduo respeitoso das diferenças entre pessoas. Dessa forma, na escola, é necessário que o aluno vivencie esse respeito com ele mesmo e em relação aos outros.

Nesse contexto, percebemos que questões relacionadas à ética permeiam todo o currículo e não podem ser tratadas em horário específico de aula. É preciso vivenciar a ética no dia a dia, adotando atitudes de respeito pelas diferenças entre as pessoas, respeito esse necessário ao convívio numa sociedade democrática e pluralista. Questões como idade, sexo, cultura, religião, aparência física, raça, classe social, etc. não aumentam ou diminuem a dignidade de uma pessoa. Dessa forma, é imperativo que a escola contribua para que a dignidade do ser humano seja um valor conhecido e reconhecido pelos seus alunos.

O desenvolvimento das habilidades da oralidade, leitura e escrita

A riqueza da vida humana está na diversidade que existe entre as pessoas. Essas diferenças geram uma multiplicidade de relações e comportamentos que valorizam cada indivíduo nas situações de interação social. Paralelamente a essas diversidades existem preconceitos e discriminações que são percebidas em diferentes contextos sociais onde há frequentemente conflitos e violência.

A escola é um lugar de interação social por excelência e, assim sendo, é um lugar não só de formação pessoal, mas também lugar onde acontecem conflitos e violência. Aí está um aspecto de nossa sociedade que pode e deve ser alvo de discussões, reflexões e aprendizado em nossas escolas. Excelentes oportunidades de desenvolvimento das habilidades da oralidade e da escrita podem surgir dessa contextualização.

Refletir, discutir, conviver com a diversidade requer capacidade de dialogar, o que é essencial à convivência democrática. Os projetos interdisciplinares são excelentes oportunidades de desenvolvimento não só da linguagem oral e escrita, como também das mais diversas formas de linguagem, pois possibilitam ao aluno apropriar-se do conhecimento historicamente construído e inserir-se nessa construção não só como produtor, mas também como construtor do conhecimento.

A excelência desses projetos está em criar situações que favorecem a aprendizagem da leitura e da escrita por meio de seu uso em contextos reais de aprendizagem. O caráter significativo das situações concretas, apresentadas aos estudantes nos momentos em que buscam informações de seu interesse, garante a produção e a criação de novas ideias alicerçadas à fala e à escrita, que lhes são peculiares.

A leitura significativa, feita de maneira interdisciplinar, favorece a memória; o conhecimento sobre a própria leitura do mundo; o conhecimento a respeito de como se escreve; a experiência das emoções. Por meio do trabalho interdisciplinar, o aluno vivencia experiências para a vida; e pela interação da linguagem falada e escrita, conhece aspectos diversos existentes entre diferentes linguagens.

Nessa perspectiva, de acordo com Lopes (2006),

Representar e ler este mundo tem uma amplitude maior que entender os conceitos cristalizados pela linguagem científica. Implica, isto sim, perceber a ciência-linguagem científica como um recorte da realidade que deve ter um compromisso com o todo, estabelecendo relações significativas com as demais formas de ler este mundo. (2006, p. 41).

O desenvolvimento da oralidade e da escrita requer, da parte da escola, um trabalho de provocação de leitura de mundo que resulte em respostas que permitam um posicionamento capaz de transformar o sujeito e o meio em que vive, o que vem tornar o aprendizado significativo. Nessas situações de aprendizagem, o aluno tem a possibilidade de mostrar o que sabe e descobrir o que não sabe. Atividades assim só podem ocorrer com a intervenção do professor, que, ao se colocar na posição de parceiro, favorece a circulação de informações, bem como a produção de textos orais ou escritos.

Ao desenvolver trabalhos que envolvem a linguagem e a escrita, de maneira significativa e de forma interdisciplinar, a escola desenvolve o que preconizam os PCNs como objetivo para o desenvolvimento da capacidade de lidar com enunciados, “o domínio da expressão oral e escrita em situações de uso público da linguagem” (PCN, 1998, p. 49).

O trabalho de desenvolvimento da oralidade e da escrita, bem como das demais formas de linguagem, pode acontecer não só na disciplina de Língua Portuguesa, mas em qualquer outra disciplina, de forma interdisciplinar, pois, enquanto sistema de representação do mundo, a língua está presente em todas as áreas do conhecimento.

O professor, alfabetizador de linguagens, segundo Antunes (1998), leva o aluno a perceber a multiplicidade de formas que podem ser utilizadas para se transmitir uma ideia. Pinturas, músicas, poemas, desenhos, teatros, danças, mapas e tantas outras formas de comunicação são linguagens que podem e devem estar presentes em sala de aula para expressar conteúdos.

As exigências atuais para o desenvolvimento da oralidade e da escrita apontam para um ensino de língua que possibilite a inserção do sujeito no mundo, que possibilite ao educando condições para que ele estabeleça relações entre o que aprende e o seu universo social.

As propostas de ensino que surgem valorizam a criatividade do aluno, são visto que as metodologias valorizam a fluência e desinibição do ato de escrever, um modo de ensinar contextualizado, que tenha mais relação com a vida do aluno e que dê a ele liberdade criativa para produzir.

Não basta dar a palavra ao outro, é necessário aceitá-la e devolvê-la ao outro: “É devolvendo o direito à palavra – e na nossa sociedade isto inclui o direito à palavra escrita – que talvez possamos um dia ler a história contada, e não contada, da grande maioria que hoje ocupa os bancos das escolas públicas” (GERALDI, 1990, p. 124).

É sabido que um dos objetivos fundamentais da educação é fazer com que o educando participe do universo da comunicação humana, utilizando o diálogo como meio de reflexão, de discussão, como meio de perceber as diferenças e diversidades existentes entre as pessoas, na busca de soluções para os problemas. Por meio do diálogo é possível motivar o aluno a expor suas opiniões, expor seus pensamentos de maneira clara, a fim de ser entendido, bem como propor situações de reflexão em que se coloque no lugar do outro e assim compreenda reações, comportamentos e sentimentos. Essa prática certamente resultará num trabalho que compreende o desenvolvimento do ser humano por inteiro, capaz de transformar a sociedade em que vive, pois

uma criança a quem nunca se dá a possibilidade de pensar, de argumentar, de discutir, acaba frequentemente por ter seu desenvolvimento intelectual embotado, nunca ousando pensar por si mesma, sempre refém das “autoridades” que tudo sabem por ela. Em relação ao autorrespeito: uma criança a quem nunca se dá a possibilidade de se afirmar, de ter êxito nos seus menores empreendimentos, uma criança sempre humilhada, dificilmente desenvolverá alguma forma de respeito próprio. (BRASIL, 1997, p.58).

Na escola surgem excelentes possibilidades de desenvolvimento da oralidade, da escrita e de tantas outras formas de linguagem. A experiência apresentada neste trabalho é um exemplo de como o trabalho interdisciplinar é mais que apenas uma aula de português, de geografia, de história, de biologia... é simplesmente uma aula de formação de cidadãos.

Metodologia

Se a educação é um processo de construção coletiva, contínua e permanente de formação do indivíduo, que se dá na relação entre eles, é a escola, portanto, o local privilegiado dessa formação, porque trabalha com o conhecimento, com valores, com atitudes e com a formação de hábitos.

Pensando nisso, as acadêmicas dos Cursos de Ciências Biológicas e de Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul, bolsistas de Iniciação à Docência (IDs) do programa PIBID, inseridas na Escola de Educação Básica Professora Célia Coelho Cruz, desenvolveram o projeto “O desafio de conviver com as diferenças”. O desenvolvimento do projeto aconteceu em equipe, visando estimular a cooperação, a participação, a criatividade, e a resolução de conflitos existentes no cotidiano escolar. Periodicamente, a supervisão e as bolsistas IDs reuniam-se com o intuito de discutir sobre o projeto, definir as ações e os papéis de cada um, bem como as atividades que seriam desenvolvidas em um processo de conscientização e responsabilidade. Esse projeto teve a participação de 280 alunos, do 1º ao 8º ano do Ensino Fundamental, tendo como objetivo principal melhorar e conservar as relações de convivência dentro e fora do ambiente escolar.

Com os alunos do 1º ao 3º ano o tema foi abordado a partir de contação de histórias. Utilizamos a história como ferramenta para que, a partir dela, fossem criadas

condições de interação entre os alunos, levando-os a perceberem que apesar das diferenças existentes entre eles, todos podem viver em harmonia.

Aprender a conviver com a diferença prepara o sujeito para a vida. No entanto, é necessário que o convívio tenha como base um contexto que saiba aproveitar a diferença como um recurso a ser explorado e não como uma limitação a ser superada. (BAPTISTA, 2001, p. 38).

As bolsistas apresentaram aos alunos o desenho de um menino em uma folha de papel ofício, e logo em seguida iniciaram a História do Zequinha, que relata a chegada de um menino em sua nova escola, o qual não é bem recebido por seus colegas. Zequinha era ofendido, não o deixavam participar das brincadeiras e o magoavam de diversas formas. Na medida em que a história ia sendo contada, o desenho passava pelas mãos dos alunos que diziam ao grupo alguma palavra ofensiva que ouviram alguém chamar para si ou para outro colega. Enquanto iam falando, amassavam um pouco do desenho.

Após todos os alunos participarem da dinâmica, as bolsistas tentaram desamassar o desenho, porém o papel ficou com marcas e dobras; a partir disso, iniciou-se, com os alunos, a reflexão sobre o que é bullying, bem como os danos físicos e morais que pode causar às vítimas dessa prática. A partir dessa reflexão, foram produzidos com os alunos cartazes com a frase: “Palavras negativas deixam marcas profundas”.

Para os alunos do 4º e do 5º ano, iniciou-se o tema com a exibição do curta metragem intitulado “Cuerdas” (Cordas). O filme narra a história de uma menina chamada Maria e seu novo colega de classe que sofre de paralisia cerebral. Maria cria um laço afetivo muito forte e emocionante com o colega, permitindo-o viver momentos significativos ao seu lado.

Após assistirem ao filme, as bolsistas iniciaram uma roda de conversa com os alunos, buscando instigá-los para a reflexão da mensagem que o filme transmite, que é de amizade, amor, respeito, solidariedade e fraternidade. O objetivo desta atividade foi mostrar ao grupo a importância de valorizar o outro em suas diferenças. As bolsistas refletiram com os alunos a diversidade e o valor de uma sociedade inclusiva. Costuma-

se colocar o "diferente" na figura do outro, que se torna um dessemelhante. É necessário que se perceba que todos nós somos diferentes.

Toda pessoa é digna e merecedora de respeito de seus semelhantes. Características particulares como sexo, idade, etnia, religião, classe social, grau de instrução, padrão de beleza, orientação sexual, etc., não aumentam, tampouco diminuem a dignidade de uma pessoa. A sociedade é composta de pessoas diferentes entre si, não somente em função de suas personalidades singulares, como também de categorias ou grupos. A atitude de preconceito e ou intolerância está na direção oposta ao que é necessário para a existência de uma sociedade democrática, pluralista por definição. As relações entre os indivíduos devem estar sustentadas por atitudes de respeito mútuo, diálogo, solidariedade e justiça.

Dando prosseguimento às atividades, foi, então, realizada a dinâmica dos valores. Esta teve como objetivo sensibilizar os alunos para o respeito e para a percepção do outro como alguém que se expressa não só pela fala, mas através de outras linguagens, como gestos, olhares ou expressões corporais. Objetivamos, ainda, com a dinâmica, promover a interação entre os alunos. Como atividades para exposição foram confeccionados cartazes para serem expostos em diferentes locais da escola. Os cartazes receberam o título: "Regras de boa convivência".

Como última etapa do projeto "O desafio de conviver com as diferenças" foi organizada uma Gincana Cultural, envolvendo os alunos do 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental e o tema escolhido foi Copa do Mundo, visto que naquele período estava acontecendo a Copa do Mundo no Brasil. Aproveitamos esse acontecimento, pois eventos desse tipo são temas motivadores para desenvolver os conhecimentos e as competências curriculares, conhecer as várias etnias e culturas, valorizá-las, repudiando a discriminação e promovendo o respeito à diferença de raça, religião, classe social, nacionalidade e sexo.

Por meio desse projeto, trabalhamos os temas transversais: Ética e cidadania (a união dos povos pelo esporte, a necessidade de um trabalho coletivo bem planejado, respeito entre os envolvidos, aceitação dos resultados); Meio Ambiente (mudanças ocorridas em razão da Copa – pinturas e enfeites em geral –, análise de aspectos positivos – como a torcida – e aspectos negativos – como poluição visual e sujeira);

Pluralidade Cultural (observar a língua falada nos outros países, bem como danças e roupas típicas, gastronomia, usos e costumes).

Cada turma, através de um sorteio, recebeu um país para representar, sendo eles: Alemanha, Argentina, Espanha, França, Itália e Portugal. As tarefas eram: elaborar o grito de guerra; confeccionar a bandeira do país; produzir uma paródia, com a melodia e as características do país; confeccionar e apresentar a roupa, bem como a dança típica do país. Inicialmente, os alunos realizaram trabalho de pesquisa no Laboratório de Informática da Unidade Escolar para conhecerem a cultura do país que iriam representar. Os alunos trabalharam em equipe, dividindo as tarefas. O grito de guerra e a paródia foram produzidos nas aulas de Língua Portuguesa com o auxílio da professora da disciplina. As bandeiras foram confeccionadas pelos alunos juntamente com alguns professores. As roupas típicas foram confeccionadas nas aulas de Arte, com o auxílio das bolsistas de Iniciação à Docência e de professores da escola. As coreografias das danças foram criadas e ensaiadas pelos alunos, com o auxílio das bolsistas IDs, nas aulas de Educação Física.

Resultados e Discussões

Após a realização do projeto, percebemos, por meio de depoimentos e observações de atitudes em sala de aula e no recreio, resultados significativos em relação aos alunos, bolsistas e professores. A partir das reflexões realizadas quanto aos valores humanos, em uma perspectiva de educação para a boa convivência, todos os envolvidos de alguma forma no processo de ensino e de aprendizagem passaram a refletir mais sobre suas ações, bem como as consequências que estas geravam, medindo palavras e buscando, por meio do diálogo coerente, resolver conflitos que são próprios do cotidiano escolar e dos seres humanos, a partir da vivência em um grupo.

Os professores regentes, juntamente com os bolsistas, procuraram mediar os conflitos na escola, oferecendo aos alunos envolvidos a possibilidade de solucioná-los ou amenizá-los, refletindo com eles sobre a ação de cada um. Verificamos que em muitas situações ocorreu uma resistência de interesses, pois os alunos estavam encontrando o erro somente na ação do outro, deixando de refletir sobre a sua própria

atitude. Nesse contexto, o papel do professor e do bolsista se apresentou como uma ferramenta favorável ao diálogo com discussão bem planejada e socialização de ideias e critérios agradáveis às partes envolvidas.

Observamos que a prática de atividades diversificadas criou condições de interação entre os estudantes, levando-os a perceberem que, apesar das diferenças existentes entre eles, todos podem conviver em harmonia. Notamos, principalmente durante a realização das tarefas da gincana, que, trabalhando em equipe, os discentes exercitaram uma série de habilidades, como aprender a avaliar e a decidir, aprimorando também a capacidade de ouvir e respeitar opiniões diversas. Para que tivessem êxito no resultado final, estes souberam argumentar e dividir tarefas – competências essenciais para a vida adulta. Percebemos também que as diferentes abordagens do tema “Conviver com as diferenças” motivaram e mobilizaram os alunos na participação das atividades propostas.

Leite (1996) fala da experiência do educando ao participar de um projeto, afirmando que

o aluno está envolvido em uma experiência educativa em que o processo de construção de conhecimento está integrado às práticas vividas. Esse aluno deixa de ser, nessa perspectiva, apenas um aprendiz do conteúdo de uma área de conhecimento qualquer. É um ser humano que está desenvolvendo uma atividade complexa e nesse processo está se apropriando, ao mesmo tempo de um determinado objeto de conhecimento cultural e se formando com sujeito cultural. (1996, p. 42).

Ainda identificamos que, ao desenvolver as ações desse projeto, o bolsista ID passou a ter mais confiança em si e autocontrole para lidar com situações inesperadas, além da percepção dos comportamentos em sala de aula, avaliação da aprendizagem dos alunos e conhecimento relacionado à dinâmica em grupo. Observamos esta mudança no bolsista através de suas atitudes já durante a realização do projeto e nas ações futuras, pois percebemos que estes, ao vivenciarem os conflitos da prática pedagógica, criaram alternativas, fugindo da crítica e buscando parcerias.

Em entrevista à Revista Presença Pedagógica, Carmen Moreira de Castro Neves, que é Mestre em Educação pela Universidade Federal de Brasília (UnB), Diretora de

Formação de Professores da Educação Básica na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior (Capes) e responsável pelo PIBID, afirma que

Ao serem inseridos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, os licenciandos têm oportunidades de criar e participar de experiências metodológicas e tecnológicas e de práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar. A proposta do Pibid inclui mobilização de professores de educação básica para que atuem como coformadores dos futuros docentes. Dessa forma, as escolas tornam-se protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério e contribuem para a articulação entre teoria e prática, necessária à formação dos docentes, isso, sem dúvida, eleva a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura. (NEVES, 1996, p. 37).

Em relação aos professores regentes, percebemos uma maior integração com os alunos, pois muitas das tarefas desenvolvidas no projeto “O desafio de conviver com as diferenças” contaram com a parceria do professor. Consideramos, portanto, que a afetividade que se manifesta na relação professor-aluno constitui-se como um elemento inseparável do processo de construção do conhecimento. Além disso, a qualidade da interação pedagógica vai conferir um sentido afetivo ao objeto de conhecimento, a partir das experiências vividas. Verificamos também, por parte do professor regente, uma mudança de olhar em relação ao bolsista ID, que passou a vê-lo como um parceiro, alguém com quem pode planejar metas e ações para aprimorar os processos de ensino e de aprendizagem.

Este projeto teve como objetivos: melhorar e conservar as relações de convivência dentro e fora do ambiente escolar; estimular debates quanto às práticas e consequências do bullying; desenvolver a percepção de que vivemos em uma sociedade plural, constituída por indivíduos singulares. Ao executar as atividades propostas, conseguimos não somente contemplar os objetivos pré-estabelecidos, mas também beneficiar toda a comunidade acadêmica, escolar e familiar.

Considerações Finais

A sociedade e a escola passam por um momento de transição, implicando um redimensionamento para atender aos desafios que lhes são impostos. Questões e obstáculos do cotidiano da escola devem ser olhados sob outra perspectiva, buscando

novas alternativas para enfrentá-los e superá-los. A escola é um laboratório onde se remodelam e se refazem as vivências cotidianas. Daí o cuidado ao lidar com questões delicadas, como os preconceitos, os estigmas, as discriminações.

Para Fleuri (2006), compete aos educadores a criação de estímulos que ponham em evidência as diferenças, e a partir do confronto das mesmas é que devem ser desencadeadas as ações.

O PIBID tem um papel fundamental diante dessa situação. A presença dos bolsistas acadêmicos na escola possibilita que, juntamente com os professores regentes, eles planejem e adotem múltiplas metodologias para atender às diferenças presentes na sala de aula.

Gomes e Silva (2002, p. 28) afirmam que é necessário formar professores “que saibam lidar pedagogicamente com a diversidade”. Tal afirmação implica dizer que se deve inserir nos processos de formação de professores reflexões sobre o “reconhecimento, a aceitação do outro, os preconceitos, a ética, os valores, a igualdade de direitos e a diversidade”. Cabe, ainda, criar uma competência político-pedagógica que possibilite a construção de uma postura ética entre os professores.

É importante que os conflitos sejam reconhecidos como oportunidades de crescimento através da diversidade e que sejam mediados por meio do diálogo.

Dessa forma, entendemos que o ser humano está em constante aprendizado e, por ser sujeito em constante mudança e inacabado, deve sempre se beneficiar da possibilidade de aprender com o outro, já que cada indivíduo é único e tem o dever e a obrigação de respeitar, e o direito de ser respeitado em sua singularidade.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Ligia Assumpção; AQUINO, Julio Groppa (Org). Diferenças e Preconceitos na escola: alternativas teóricas e praticas. São Paulo: Summus, 1998.

ANTUNES, Celso. **Marinheiros e Professores**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

BAPTISTA, C. **Inclusão ou exclusão?** In: VEIGA-NETO, A.; SCHMIDT, S. (Orgs.) **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 31-40.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais. Ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997.



CASTRO, Gleyson. Artigonal, 2010. **O desafio de conviver com as diferenças.** Disponível em: <<http://www.artigonal.com/auto-ajuda-artigos/o-desafio-de-conviver-com-as-diferencas-2251725.html>>. Acesso em: 19. jun.2014.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.

GOMES, N., SILVA, P.B.G. **O desafio da diversidade.** In: GOMES, N., SILVA, P.B.G. **Experiências étnico-culturais para a formação de professores.** Belo Horizonte, Autêntica, 2002.

FLEURI, R.M. **Multiculturalismo e interculturalismo nos processos educacionais.** Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br>>. Acesso em: jun., 2006.

NEVES, C. M. C.; LEITE, L.H.A. **Pedagogia de Projetos: Intervenção no Presente.** *Revista Presença Pedagógica*, Belo Horizonte: Dimensão, v. 2, n. 8, p. 25 - 33, mar/abr, 1996.

LEITE, Maria Isabel; KRAMER, Sônia (orgs.) **Infância: fios e desafios da pesquisa.** Campinas/SP: Papyrus, 1996.

LOPES, César V. Machado; DULAC, Elaine B. Ferreira. **Idéias e palavras na/da Ciência ou leitura e escrita: o que a Ciência tem a ver com isso?** In: **Ler e escrever: um compromisso de todas as áreas.** Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2006. p. 37-44.

PECOTCHE, González. **Coletânea da Revista Logosófica.** Tomo I, São Paulo, Logosofia, 2002.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: ArtMed, 1998.